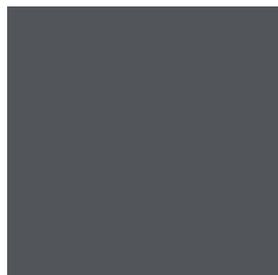


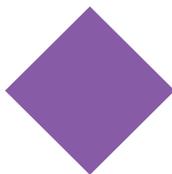
Lou Andreas-Salomé



Sobre o tipo feminino

e outros textos

Renata Dias Mundt
tradução do alemão



Blucher

Conteúdo

Lou Andreas-Salomé: pioneira da Modernidade 9

Cornelia Pechota

O erotismo 59

Sobre o tipo feminino 131

Anal e sexual 161

Psicossexualidade 211

Lendo Lou Andreas-Salomé com Hélène Cixous 261

Nina Virgínia de Araújo Leite

Índice onomástico 287

Índice remissivo 289

O erotismo

Die Erotik (1910)





O erotismo¹

Introdução

Podemos abordar o problema do erotismo por onde quisermos: sempre teremos o sentimento de extrema unilateralidade. Especialmente, porém, se procuramos usar a lógica: ou seja, a partir de seu exterior.

Isso significa, por si, subtrair do erotismo a vivacidade imediata das impressões, em tal extensão e por tanto tempo que nos encontramos no estado da mais cômoda conformidade com a maior parte possível da sociedade. Em outras palavras: apresentar as coisas de forma suficientemente insubjetiva, suficientemente alheia a nós mesmos, a fim de obtermos, em vez da totalidade, da indivisibilidade de uma manifestação da

1 Texto publicado pela Editora Literarische Anstalt Rütten & Loening, na cidade de Frankfurt am Main. Tratava-se do volume 33 da série coordenada por Martin Buber e intitulada “Die Gesellschaft. Sammlung sozialpsychologischer Monographien” [“A sociedade: coleção de monografias em psicologia social”].

vida, uma obra interpretada em fragmentos que possa ser, assim, justamente, fixada em palavras, manuseada com segurança conveniente e totalmente visualizada de forma unilateral.

Esse método específico de apresentação, que inevitavelmente materializa e desalma tudo, deve, no entanto, ser também aplicado àquilo que conhecemos em detalhes apenas subjetivamente, que só pode ser vivido individualmente; àquilo que estamos habituados, portanto, a designar como impressões “espirituais” ou “anímicas”, ou seja, simplesmente: as impressões na medida em que — e tanto quanto —, em princípio, dele se distanciem. Em nome da conformidade a ser obtida, nós podemos também lidar com esses efeitos diversos elucidando-os sempre apenas com base nesse único efeito, enquanto todo o resto que poderia ser dito a respeito deles pode ser considerado apenas complementação ilustrativa — a qual, aliás, também adequada à conformidade lógica, pode convencer somente mais ou menos de maneira subjetiva, mesmo com a ajuda formal dessa mesma conformidade.

Para o problema do erótico, contudo, essa contraditória meia-medida, essa redução à metade, ainda é bastante típica conforme ele próprio parece vacilar mais indefinidamente entre o físico e o espiritual.

Essa contradição, porém, não se ameniza com o esmaecimento ou a amalgamação dos métodos diversos entre si, mas sim por meio do seu evidenciamento cada vez mais apurado, de seu manejo cada vez mais rigoroso. Poderíamos dizer: devido ao fato de termos em mãos algo completo, com um limite cada vez mais seguro, como peça isolada e material, confirma-se e materializa-se para nós, apenas então, a sua

dimensão que se alarga muito além de nós mesmos. Com isso, visualizamos não apenas a unilateralidade do objeto observado, mas também a do método: o caminho que, por assim dizer, leva para duas direções, no qual a vida se abre para nós e que apenas uma ilusão de ótica parece reunir em um ponto. Pois quanto mais adentramos em algo, mais profundamente ele se abre para nós em dois caminhos, assim como a linha do horizonte se torna cada vez mais elevada a cada passo que nos aproximamos dela.

No entanto, em um trecho mais além do caminho, a visão exata das coisas começa a se considerar unilateral. A saber, em todo lugar em que o próprio material foge a essa visualização, resvalando no incontrolável, para além do senso e da razão, enquanto ela ainda o percebe em seu senso como algo existente ou ainda pode considerá-lo na prática. Além do curto trecho de controle, acessível apenas à nossa vigilância, surge, para aquilo que está dentro de seu âmbito, um critério modificado no que diz respeito a “verdade” e “realidade”. Também aquilo que é mais materialmente tangível, também aquilo que é mais compreensível pela lógica torna-se, nesses termos, uma convenção sancionada pelas pessoas, um guia para fins de orientação prática — ademais, volatilizando-se no mesmo valor meramente simbólico como aquele registrado por nós como “espiritual” ou “anímico”. E em *ambas* as pontas de nosso caminho eleva-se, portanto, inviolavelmente o preceito: “*Farás para ti uma imagem de escultura e uma parábola!*”, de modo que também o alegórico — abordado apenas em signos e comparações, de que toda descrição mental depende — vê-se incluído no valor essencial da forma de reconhecimento

humano. Assim como aquela linha do horizonte que se afasta de nós a cada passo, enquanto para nós, não obstante, o “céu e a terra” sempre voltam a se unir em *uma* imagem: a ilusão de ótica primordial — e, ao mesmo tempo, o símbolo derradeiro.

Base

Uma equalização como essa última, longe de subestimar o caráter exterior das coisas, salienta-o uma vez mais em sua independência entre os complementos que lhe cabem. Somente tal equalização ensina uma imparcial compreensão de todas as circunstâncias do que há de “mais material”, ou mesmo de mais físico — uma reverência objetiva para com elas mesmas. Reverência em um sentido para o qual ainda estamos longe de nos tornarmos suficientemente simples e dedicados: sem desviar o olhar para conotações éticas, estéticas, religiosas e outras. Voltada exclusivamente para o sentido físico em si. Voltada para ele assim como para o lado, agora compreensível para nós, das experiências inconcebivelmente longas, por assim dizer, como explorações investigativas do campo daquilo que, para nós, é a existência — lado e que ainda é legível por toda parte da existência, como em cicatrizes de batalhas ou sinais de vitória. Como se, nesse que se transformou ancestralmente de forma praticamente primeva — e que, diferentemente do espiritual, resiste, suporta nossa avaliação —, o movimento da vida aparentemente nos paralisasse, fixado em traços e formas, de modo que nosso próprio intelecto, tardiamente nascido no mundo físico, possa trepar-lhe por todos os

lados como um menininho pequeno e ainda tolo, com dedos tateantes, como se no regaço de um ancestral.

No que diz respeito à base do erótico, à sexualidade, isso significa sua investigação cada vez mais profunda no sentido fisiológico. A sexualidade como uma forma de necessidade, assim como a fome, a sede ou quaisquer outras manifestações de vida de nosso corpo, torna-se acessível à compreensão de sua outra essência e de seu efeito apenas sobre essa base. Assim como apenas a investigação individual cuidadosa e a averiguação de fatos podem fornecer orientações sobre as necessidades nutricionais ou outras de nosso corpo, aqui também pouco tem validade qualquer outro princípio norteador que não aquele que costumamos celebrar como o mais alto de todos no campo da ética: aquele segundo o qual a menor coisa, a mais ínfima, que se encontra no mais baixo nível, não parece em nada menos considerável do que aquilo que é dotado de toda a dignidade humana.

Primordial para tanto parece ser a avaliação não tendenciosa devida a quaisquer considerações subjetivas tanto da atividade sexual como da abstinência. Se essa avaliação, sob algumas perspectivas, ainda está entre questões pendentes, isso pode se dever, entre outras coisas, ao fato de estarmos longe de ter conhecimentos tão exatos sobre as secreções internas das glândulas endócrinas — assim como sobre suas relações mútuas (as quais possivelmente podem substituir-se mais mutuamente do que sabemos) — quanto os que temos sobre as secreções sexuais externas; de forma que não podemos avaliar realmente a que influências advindas delas podemos estar sujeitos, mesmo quando a atividade sexual está

externamente suprimida (no exemplo mais comum, no caso da remoção apenas do útero ou do membro masculino, mas não dos ovários ou dos testículos, as características sexuais secundárias não são influenciadas). Seria então concebível, a partir deste ou de outro ponto semelhante, que se chegue a conclusões referentes à abstinência sexual que a façam parecer não apenas lícita do ponto de vista da saúde, mas também valiosa — no sentido de um valor que aumenta a força ao reabsorver e implementar tal força. E serão várias as mulheres que sentirão, com um sorriso furtivo, que já sabiam disso há tempos: aquelas nas quais a contenção sexual obrigatória de todos os séculos cristãos transformou-se, pelo menos em algumas classes, em independência natural da crua necessidade do libidinoso; aquelas que, hoje, por esse motivo, devem pensar três vezes — não, dez mil vezes — antes de estender a mão para um fruto que cai facilmente em seu regaço, derivado de dura batalha cultural, antes de se deixarem transviar por uma liberdade amorosa mais moderna, pois são necessárias muito menos gerações para a privação do que para a aquisição.

Todavia, devemos nos posicionar de forma igualmente imparcial perante outras possibilidades que podem advertir para um negligenciamento descuidado da sexualidade. Perante os casos em que a excitação sexual pode ser reconhecida como um substituto natural para os colossais estimulantes dos quais o corpo infantil em crescimento dispõe por meio dos estímulos externos, ainda tão novos para ele, para toda a sua vida sensorial. Perante os casos que contam sobre jovens doentes que foram curados pela experiência sexual, até mesmo aquela sem nenhum impulso próprio, ou meninas

anêmicas que desabrocharam mesmo em casamentos indesejados e se fortaleceram sob a influência do tônus epitelial e do metabolismo modificados. Perante todos os casos nos quais se torna evidente o risco de que, entre a juventude e a velhice, a íntima força vital, por conta de seu represamento, não se torne ativa na forma de realizações frutíferas, mas concentre-se em uma espécie de efeito tóxico que inibe e retarda a vida. E mesmo que tais indícios possam ser contrapostos a outros diversos, temos de notar quantas vezes a inibição física faz com que o ser humano seja prejudicado em sua capacidade mental, em seu valor humano mais individual.

Por esse motivo, qualquer coisa que possa contribuir para uma avaliação mais sensata de tais questões deve ser bem-vinda e deve poder ser tratada como *um problema totalmente específico*, sem nos deixarmos desorientar, seja por uma idealização apressada das necessidades físicas — considerada, às vezes, um “helenismo” modernizado —, seja pelas demandas do erotismo em seu sentido mais literal. Pois devemos salientar também quão pouco o anseio atual pelo aperfeiçoamento e a individualização dos sentimentos amorosos pode solucionar tais questões isoladamente. No entanto, ele não é menos digno de reconhecimento por isso, e qualquer força pura que ajude a promovê-lo é um grande ganho. Porém, naturalmente, a sutileza crescente da escolha amorosa apenas reforça inicialmente as dificuldades de sua própria realização. Nossa maturidade fisiológica coincide apenas em ocasiões extremamente raras com estados anímicos tão excepcionais, sendo que, aliás, por sua vez, ambos também raramente coincidem

com a maturidade de espírito e caráter de um ser humano que precisa se vincular constantemente a alguém.

A mistura de todos os pontos de vista práticos possíveis — higiênicos-românticos-pedagógicos-utilitaristas — revela-se difícil, na medida em que a pura objetividade parece ser aqui sempre passada de um ponto a outro antes que possa manifestar realmente a própria objetividade. Assim, por exemplo, a questão fisiológica vê-se prematuramente concluída em virtude de ideais robustos da cultura do corpo, ou, inversamente, descreditada por frágeis ideais dessa mesma cultura. Estes, por sua vez, temendo ser confundidos com seus robustos colegas, veem-se rapidamente compelidos a um casamento realizado às pressas, que deve acontecer com tantas concessões mitigadoras que ele próprio parecerá fisiologicamente justificado de forma bastante suspeita: com o que teria voltado, mais uma vez, satisfeito ao ponto de partida. Assim, para não recair em um tom frívolo e tampouco tradicional, adota-se alternadamente um tom livre, entusiástico ou levemente filistino mal-humorado, de certa forma como, em tempos remotos, divindades destituídas eram degradadas a demônios² sem que ninguém suspeitasse que, pouco tempo antes, as pessoas ainda acreditavam nelas — até estudos mais céticos descobrirem que elas também estavam apenas sendo revividas em seus sucessores. Por esse motivo, talvez,

2 Presente em Heine, essa ideia reaparecerá em Freud, ao falar da figura do duplo. Cf. Heine, H. (1853/2000). *Os deuses no exílio* (M. Suzuki, trad.). São Paulo: Iluminuras. Cf. também: Freud, S. (1919/2021). *O incômodo* (P. S. de Souza Jr., trad.). São Paulo: Blucher [N.E.].

uma certa desconsideração de sua classificação, assim como de todas as perspectivas de reforma ou retrospectivas de luta, seja profícua para uma visão unilateral das coisas.

Tema

Uma duplicidade caracteriza o problema do erotismo:

Em primeiro lugar, o fato de que ele deve ser considerado caso especial dentro das relações físicas, psíquicas e sociais, e não tão despoticamente isolado como muitas vezes ocorre. Mas também de forma que vincule, mais uma vez, todas as três formas dessas *relações mútuas*, fundindo-as, assim, em uma única relação e em seu problema. Já enraizado na base de toda a existência, o erotismo cresce, assim, a partir do mesmo solo rico e forte, podendo espichar-se até a altura que seja e transformar-se em poderosa árvore prodigiosa ocupadora de espaço, para então perseverar com a força escura e terrena de sua raiz, mesmo onde seu solo esteja completamente atulhado por construções. Este, justamente, é seu violento valor vital: o fato de que, por mais capaz que seja de se validar individualmente ou de incorporar altos ideais, ele não precisa fazê-lo, sendo que, no entanto, pode sugar o aumento de sua força de qualquer terreno, adaptando-se a quaisquer circunstâncias a favor da vida. Assim, já o encontramos associado aos processos de nossa corporeidade que decorrem de forma quase puramente vegetativa, unindo-se intimamente a eles, e mesmo que ele não seja, como essas funções, pressuposto absoluto para a existência, exerce, no entanto, ainda a mais forte

influência sobre elas. Assim, fica-lhe garantido, indestrutivelmente, mesmo em seus estágios e espécies mais elevados, até mesmo no auge dos mais complicados encantos amorosos, ainda algo dessa profunda e simples origem: algo dessa alegria benéfica que o corpóreo sente, no sentido específico de sua satisfação, como uma experiência sempre nova, jovem, como vida em seu sentido original. Assim como toda pessoa saudável desfruta plenamente, com um prazer que sempre se renova, seu despertar ou o pão de cada dia, ou uma caminhada ao ar livre, como se renascesse todos os dias; e assim como às vezes reconhecemos acertadamente o início de perturbações nervosas quando esses fatos corriqueiros, essas necessidades básicas, misturam-se tediosamente a termos como “maçante”, “monótono”, assim também ocorre na vida amorosa por trás e por baixo de suas outras alegrias — alegrias que o ser humano divide, de forma banal e imensurável, com tudo o que respira junto com ele. O próprio erótico animal não se restringe apenas a isso, na medida em que, no animal mais elevado, o ato sexual é acompanhado por um afeto cerebral que produz uma excitação exaltada em sua matéria nervosa: o sexual é impelido na direção da sensação, por fim, do romantismo, até seus mais refinados ápices, culminando na área do mais individual humano. Mas esse desenvolvimento amoroso crescente dá-se, desde o início, sobre um fundamento cada vez mais oscilante: em vez daquilo que permanece eternamente igual e tem eternamente o mesmo valor, baseia-se na lei de tudo o que é animalesco, segundo a qual o vigor da excitação se reduz com sua repetição. A necessidade de escolha entre o objeto e o momento da força — uma grande prova de amor

— é retribuída com o entediamento em relação ao mais intensamente desejado — com a consequente cobiça pelo não repetido, pela força da excitação ainda não esmaecida, pela *mudança*. Pode-se dizer: a vida amorosa natural em todos os seus desenvolvimentos, e talvez mais ainda em seu desenvolvimento mais individualizado, está fundamentada no princípio da infidelidade. Pois a habituação, na medida em que representa o inverso, um poder oposto, está ainda sujeita, por sua vez, pelo menos segundo seu sentido bruto, aos efeitos das necessidades do corpo mais vegetativamente condicionadas, hostis à mudança, que estão dentro de nós. Contudo, é o princípio mais plenamente mental — quero dizer, mais complexo — da vida que coage à mudança e ao consumo exigente dos estímulos; é o comportamento intensificado de forma sensata que, justamente por isso, não quer saber da velha constância, da estabilidade, dos processos primitivos, o que os transforma para nós, em algumas relações, numa base de segurança que quase se assemelha ao anorgânico, quase como um sólido alicerce de terra ou rocha. Assim, não é fraqueza ou inferioridade do erótico se ele, à sua maneira, se encontra em pé de guerra com a fidelidade; na verdade, é um indício de sua ascensão para relações vitais ainda mais amplas. Por esse motivo é necessário que, também em situações nas quais ele já esteja envolvido em tais relações, mantenha muito de sua sensibilidade insaciável, assim como seu fundamento apenas nos processos mais primitivos da vida orgânica. E se esses últimos, o que há de “mais corpóreo” em nós, não devem ser considerados de outra forma, senão com reverente imparcialidade, assim cabe verdadeiramente também ao erótico a

mesma reverência, mesmo em suas intrépidas imprudências, apesar de estarmos habituados a ver nelas apenas aquilo que as transformou em bode expiatório de toda tragédia amorosa.

O contexto no qual o erótico, pelo menos no melhor dos casos, se despoja de seus piores vícios é dado pelo nosso comportamento mental. Quando assimilamos algo em nossa compreensão e nossa consciência, e não em nosso anseio físico e anímico, nós não o experienciamos apenas como uma excitação de intensidade esmorecente que se deve ao saciamento desse anseio, mas como interesse crescente da compreensão, ou seja, em sua singularidade e irrepitibilidade humana. Somente com isso revela-se o sentido completo daquilo que, no amor, impele um ser humano a outro ser humano, como que a um segundo, um outro eu irrepitível, para então se realizar na interação com ele como um fim em si mesmo, não como recurso amoroso. Se somente então o amor surge com seu significado social, está claro que isso não se aplica ao seu aspecto externo: pois sua sujeição às consequências externas, sua inevitável ligação com o círculo de interesses da coletividade, já contém seu lado avesso, o social, desde o seu estágio inicial. Aqui, contudo, o sentido mais íntimo de sua vida se revela: o grau de vivacidade espiritual em comparação com o qual mesmo o ímpeto para a mudança ainda parece carecer de mobilidade interna, já que precisa de certos estímulos externos para começar a se desenvolver — ao passo que, nesse caso, eles seriam considerados mais um estorvo, um impedimento. Com isso, a lealdade e a estabilidade ganham um cenário modificado: nessa hegemonia da vitalidade total, da exploração da vida, surgem novas possibilidades organizatórias daquilo

que é externo — um mundo de permanências torna-se novamente viável, um solo renovado e seguro para todo o devir da vida —, de forma análoga à nossa base física e àquilo que nosso organismo destaca de si mesmo, no filho, como o real propósito final do amor.

Apenas com seus três estágios, porém, a essência do erótico ainda não foi completamente descrita; e ela só o será com o fato de sua *interação* recíproca. Por essa razão, nesse campo, hierarquias só podem ser definidas com grande dificuldade, e não incluem a nítida escala que pode ser teoricamente deduzida dessa inter-relação, mas sim a totalidade, sempre completa em si, vividamente indivisível. Mesmo que, a cada vez, avaliemos essa totalidade como maior ou menor, nunca sabemos, em cada caso, se ela abrange todo o conteúdo, já que ela própria não é capaz de ter consciência dele: assim como, por exemplo, um filho corresponde fisiologicamente ao propósito amoroso completo, mesmo quando a obtusa inconsciência de tempos primevos o atribui às mais bizarras causas demoníacas, e não ao processo sexual. Portanto, a presente discussão deve ser complementada na medida em que o fator físico no erótico, que tudo influencia até o final, também é influenciado, por sua vez, desde o início pelos outros fatores que se subtraem a definições exatas: somente com a *compreensão total* da sua essência o problema pode ser definido.

O ato sexual

No mundo dos seres vivos — proporcionalmente — mais indiferenciados, o acasalamento se dá por meio de uma pequena totalidade completa e tão desestruturada em si que quase poderia ser um emblema dessas circunstâncias aqui descritas. Na conjugação dos organismos unicelulares — que às vezes parece ser também a base de sua própria procriação —, os dois núcleos celulares se fundem completamente, criando o novo ser, e apenas uma parte irrelevante da periferia da antiga célula se separa dela, morrendo durante esse processo: procriação, filho, morte e imortalidade ainda estão unidos. O filho ainda pode ocupar o espaço de seu genitor animal, o seguinte ocupando o lugar do antecessor, assim como um fragmento pode ser substituído por outro no campo daquilo que denominamos “inanimado”. No mesmo instante em que, com o progresso da estrutura orgânica, a conjugação perde sua totalidade e só pode se realizar parcialmente, a contradição surge com toda a sua agudeza: aquilo que mantém a vida pressupõe concomitantemente a morte. E frequentemente de forma tão imediata que ambos os processos parecem ser os mesmos, apesar de se consumarem em dois seres, como se fossem duas gerações. Quando finalmente a diferenciação dos seres individuais atinge um ponto ainda mais irreproduzível e os procriadores não sobrevivem realmente no produto de sua procriação, a morte se distancia da aliança imediata, já que o animal participa apenas indiretamente do processo sexual, com sua própria estrutura física desenvolvida. Ou seja, na medida em que apenas cede aquilo que ele próprio herdou e não

absorveu em seu desenvolvimento individual: o sexo, digamos, é transmitido “por baixo do pano”. Com isso, o processo teria chegado ao desfecho mais remoto possível de seu início, e toda a pulsão de autoconservação, que aparentemente fez o pequeno núcleo celular parecer, inicialmente, tão inventivo em sua procriação, teria, de forma quase perversa, se emancipado daquela parte que — no início, aparentemente irrelevante e despreziosa — morreu na periferia da célula. Todavia, todas essas grandes revoluções advindas de tempos primevos são simplesmente ignoradas pelas próprias células sexuais, como se elas continuassem dominando todo o reino da vida, e não apenas uma pequena província isolada, cada vez mais reduzida, dentro dele. Pois, como dentro delas está tudo que é necessário para que um indivíduo possa se reconstruir com tamanha diferenciação, elas não apenas carregam em si, inalterado, o mesmo caráter totalitário, mas também imprimem seu impacto temporário sobre o corpo que as abriga.

Provavelmente é resultado de tais influências o fato de que justamente a mais primitiva forma de ligação entre seres vivos, a fusão total dos organismos unicelulares, corresponde de forma curiosamente alegórica àquilo que a mente consideraria, nos mais altos sonhos amorosos, a felicidade completa do amor. Certamente por esse motivo o amor se sente tão levemente envolto por um anseio e um temor de morte que mal podem ser diferenciados claramente entre si — por algo semelhante a um sonho original, no qual o próprio si-mesmo, a pessoa amada e o filho de ambos ainda podem ser um e são três nomes para a mesma imortalidade. Por outro lado, aqui se encontra a razão para o contraste entre o mais grosseiro e o

mais idealizado no que diz respeito às questões amorosas, que é aparente de forma cômica até mesmo em animais, quando eles são capazes de combinar sua necessidade sexual com a hipnose mais sentimental. No mundo humano, nem sempre há um lado cômico nessas oscilações entre o grosseiro e a efusão emocional. Uma obscura compreensão de tal fato também provoca o pudor espontâneo, profundamente instintivo, que pessoas muito jovens e inocentes podem sentir em relação à união sexual: um pudor que não se deve à inexperiência delas, tampouco a discursos morais bem-intencionados, mas sim ao fato de que seu impulso amoroso vem da totalidade de si mesmas e a passagem disso para um ato parcial e físico as confunde — quase como se diante da presença secreta de um terceiro, um estranho: justamente do corpo como parte autônoma de uma pessoa — como se, ainda pouco antes, elas, enquanto na linguagem desajeitada de seu anseio, estivessem quase mais próximas, em uma proximidade total e imediata, uma da outra. A própria sexualidade busca, entretanto, fundir em si contrastes e contradições que a desorientam em virtude da divisão de tarefas das funções. Incansável, ela se socializa com todas as pulsões das quais possa se apropriar de alguma forma. Começa talvez com a pulsão de voracidade, como a mais aparentada a ela, a qual, mais precocemente formada, também era voltada para tudo, mas logo a deixa para trás, por ser já muito especializada. Se hoje enamorados ainda asseguram que gostariam de devorar o outro por amor,³ ou se cruéis aranhas fêmeas ainda o fazem de fato com seus pequenos

3 Cumpre notar, em português, a acepção sexual do verbo “comer” [N.E.].

parceiros deploráveis, esse ataque tão amedrontador não ocorre como uma devoração que leva ao amor, mas de forma inversa: é o desejo sexual como uma *manifestação total* que leva consigo todos os órgãos isolados para sua exaltação. E o faz com grande facilidade. Se todos eles vêm, digamos, do mesmo berçário que os habitantes dos órgãos sexuais, cada um deles poderia, afinal, brincar de “pequenas células sexuais”, se o diabo da soberba não os houvesse enredado em uma tão ampla diferenciação. Por isso a lembrança com a qual a sexualidade os importuna ecoa dentro deles; eles esquecem quão maravilhosamente longe chegaram e se apegam, mais do que seria decoroso para um órgão real das espécies animais mais elevadas, a uma nostalgia inopinada pelos bons e velhos tempos das primeiras formações e divisões no óvulo materno.

Sobre um tal surto — no âmbito humano diríamos: sentimental — de regressão está fundamentada a excitação geral infinita da criação desencadeada pelo ato sexual. E quanto mais ele próprio é, no decorrer do desenvolvimento, por assim dizer, encurralado em um canto, tornando-se um ato extraordinário, tanto mais intensamente cresce, proporcionalmente, a importância de sua influência total sobre o restante, pois eis o que ocorre: a confluência de dois seres no êxtase erótico não é a única — e talvez nem mesmo a verdadeira — união. Pois é dentro de nós mesmos, acima de tudo, que todas as vidas distintas do corpo e da alma, mais uma vez em um sentimento comum de nostalgia, se fundem ardentes, em vez de viverem isoladamente, sem tomar conhecimento uma da outra, como membros de uma grande família que só se lembram em datas comemorativas de que têm todos “o mesmo sangue”.

Quanto mais elevada e complexa a espécie dos organismos, tanto mais essas experiências se assemelharão naturalmente a dias maravilhosos de festa e celebração, os quais, sob a influência e o esforço do plasma germinativo, como um tio-avô que chega da América, deixam repentinamente tudo em estado de alarme, até o mais recôndito ângulo extra de nosso ser, gerando uma pomposa celebração de ascendências e sexo.

Assim, diz-se com certa razão: o amor sempre traz felicidade, mesmo o amor infeliz — isso se considerarmos esse ditado de forma suficientemente não sentimental, sem considerar tampouco o parceiro. Pois, apesar de estarmos aparentemente bastante satisfeitos com ele, estamos, na verdade, satisfeitos com nosso próprio estado, o que, como um típico extasiado, não nos torna nem um pouco capazes de lidar objetivamente seja lá com o que for. Apenas como ensejo estimulante o objeto amado está presente: como um som ou um aroma que vêm de fora criam mundos inteiros e podem se enredar em um sonho noturno. Enamorados também estimam de modo instintivo sua pertença mútua de acordo com este único critério: tornarem-se mutuamente produtivos mental e fisicamente, o que os torna concentrados do mesmo modo um no outro e aliviados, assim como ocorre no ato de amor corpo a corpo. Caso eles, em vez disso, percebam a suspeita exaltação do outro de forma objetiva em excesso, logo dá-se então a conhecida queda abrupta das nuvens da adoração, que qualquer pessoa mais experiente costuma profetizar a todos os enamorados com um meneio de cabeça, de forma que a pobre insensatez amorosa, há pouco ainda enfeitada com lantejoulas douradas qual princesa, retorna como

“Gata Borrallheira”. Em seu vestido de lantejoulas, ela esqueceu que trajava apenas a gratidão do outro pela própria felicidade; que talvez, inconscientemente, sempre haja algo de um desejo exagerado de compensação daquele egoísmo erótico que, durante o ato, celebrava apenas a si mesmo. E que, para tanto, interpunha, entre si mesmo e o outro, como uma sombra dourada, a mais inacreditável construção fantasmática como mediadora entre ela e ele.

O devaneio erótico

É interessante observar como, justamente nesse ponto, o tema do erótico é tratado da forma mais negligente. Com certeza, essa participação da mente no êxtase amoroso contém tanto... êxtase — sintomas tão óbvios de embriaguez —, que não parece haver nenhuma saída a não ser impeli-la para o terreno romântico ou desconfiar de que ela seja um tanto patológica. Esse ponto nevrálgico de toda a história é frequentemente abordado como se a carapuça dos tolos, que nossa compreensão veste aqui temporariamente, a impedisse de levar sua própria condição a sério. De maneira geral, as pessoas se contentam em examinar a sexualidade como ela surge localizada nos centros cerebrais inferiores, e então a ela incorporar o material afetivo de espécie não erótica que, com a graça do bom Deus, se associa pouco a pouco a ela, como por exemplo a amabilidade, a bondade, a amizade, o senso de dever e semelhantes. Todos esses nem chegam a ser estimulados pela superestimação extasiada que cresce feito mato; pelo

contrário, ela inicialmente apenas bloqueia o caminho do amor, uma planta socialmente útil.

Contudo, algo muito humano da experiência sexual fica de mãos abanando se a loucura humana é descartada como insignificância. Somente com as efusões de tresloucados julgamentos de amantes de todos os tempos e povos completa-se o inventário daquilo que o ser humano fez do sexo por meio de seu intelecto febril; e apenas quando não o consideramos de forma romântica e tampouco com moderado interesse médico.

Pois esse inventário contém a linguagem mental daquilo que o sexo se esforça por expressar, desde tempos do mundo primevo, como seu único sentido na clareza corporal: que ele toma e confere o todo. A revolução gradual das células sexuais — as únicas que participam totalmente em todo o físico —; o levante dessas retrógradas, nascidas livres, como nossa nobreza original, no corpo-Estado bem-organizado, faz com que a mente seja ouvida. Nela, como líder superior, órgão da síntese, acima da diversidade dos outros, a vontade despótica das células sexuais pode encontrar ressonância — ora, a simples existência da mente já concretiza em certo grau seus desejos exigentes, na medida em que eles, partindo dessa existência, influenciam tudo como poder unificador, mesmo que isso ocorra apenas na forma de queima de fogos simulada: como ilusão.

Compreende-se por que até mesmo Schopenhauer teve de remexer nas profundezas de seu saco metafísico a fim de banir essa ilusão amorosa como uma das mais marotas rasteiras de sua “vontade de viver” junto com seu chamariz

ofuscante — sentimos aqui, verdadeiramente, a fúria de todos os ludibriados. Pois com certeza, a partir do momento em que o sexual é simplesmente enfileirado como um processo entre todos os outros no corpo deveras organizado, a comoção total ardentemente apaixonada deve, de certa forma, ralentar até se esvaziar. Ela só pode ser um luxo que envolva os fatos sexuais; por assim dizer, um trabalho de cativar e seduzir que enroupe e orne o necessário e o real com uma abundância esbanjadora que nenhuma realidade pode compensar. Com isso, todavia, ela não sucumbe simplesmente a um autoengano, mesmo que possa enganar, involuntariamente, vários outros: ela apenas busca, pela primeira vez, com recursos puramente mentais, abrir um caminho próprio, um caminho mental, por entre as aflições físicas até um paraíso perdido qualquer. Por isso vivemos essa ilusão com maior convicção quanto mais real for um amor dentro de nós e, se toda a nossa força cerebral se imiscuir, a título de reforçá-la, ela se torna ainda mais desvairada.

Não raro o comportamento dos amantes entre si expressa certa noção de que um é visível para o outro apenas de forma idealizada, velada; e, sem nenhuma pose ou intenção, como uma celebração de sua imagem onírica. Pois certas coisas, as mais belas, só podem ser vividas, digamos, de forma estilizada, não puramente realista, em sua existência plena, como se nelas a colossal completude poética só pudesse ser aceita com o auxílio de uma forma mais controlada: ordenada pelo respeitoso anseio pela beleza, ao qual nos entregamos com mais recato que nunca, mais incondicionalmente que nunca, portanto em uma mistura de existências completamente nova. Nesse efeito mediado pelo delírio, que acarreta influência mútua mais

vinculativa do que qualquer dependência real já tenha acarretado — pois, com isso, o outro permanece “fora”, externo a nós (tocando, porém, fecundamente o raio de nossa essência), de forma que, somente a partir desse ponto, todo o restante do mundo se abra para nós —, esse se torna o nosso verdadeiro ponto de núpcias com a vida, com esse lado exterior das coisas que normalmente nunca poderia ser totalmente incorporado: ele passa a ser o meio pelo qual a vida se torna eloquente para nós, pelo qual encontra os sons e os sotaques apropriados à nossa alma. Amar significa, no sentido mais solene: conhecer alguém cuja cor as coisas devem adotar se quiserem nos atingir de forma que deixem de ser indiferentes ou terríveis, frias ou vazias; e mesmo as mais ameaçadoras entre elas, como animais ferozes, quando entramos no Jardim do Éden, deitam-se, serenas, a nossos pés. Nas mais belas canções de amor vive algo dessa poderosa sensação, como se a coisa amada não fosse apenas ela mesma, mas também a folha que tremula na árvore, também o raio que reluz sobre a água — transformada em todas as coisas e transformadora das coisas: uma imagem dispersa na eternidade do Universo, para que, por onde quer que perambulemos, estejamos em nosso país natal.

Por isso tememos, com razão, o fim do êxtase amoroso quando nos conhecemos profundamente demais; por isso todo verdadeiro êxtase se inicia com algo como um impulso criativo que faz vibrarem os sentidos e o espírito. Por isso, apesar de toda a ocupação com o outro, há apenas uma leve curiosidade sobre como ele realmente “é”; e mesmo que as expectativas sejam ultrapassadas em muito — o que reforçou e aprofundou uma união em todos os aspectos —, surge,

eventualmente, uma forte decepção apenas porque não há mais espaço para nos comportarmos de forma criativo-poética, “lúdica”. Pequenas irritabilidades se apegam, então, frequentemente aos mesmos pequenos traços que antes nos atraíam e nos encantavam em especial: o fato de que elas, posteriormente, nos são, no mínimo, indiferentes — mais que isso, nos incomodam —, nos lembra ainda de algo que, como um mundo desconhecido, fazia nossos nervos, à época, vibrarem de expectativa, algo que permanecia desconhecido.

Erotismo e arte

Nós reconhecemos melhor os últimos e verdadeiros impulsos do erótico assim que o comparamos a outros produtos nascidos da fantasia, principalmente aos artístico-criativos. Com certeza, há aqui um profundo parentesco. Poderíamos quase dizer, um parentesco de sangue, devido ao fato de que do comportamento artístico também participam forças ancestrais, que se impõem, com uma comoção apaixonada, entre aquelas adquiridas individualmente: contendo ambas as vezes sínteses obscuras de outrora e agora como vivência fundamental e o êxtase de sua interação secreta.

Nessas áreas fronteiriças obscuras, o papel que, também nesse segundo caso, o próprio plasma germinativo pôde desempenhar foi pouco ou quase nada estudado. O fato de que a pulsão artística e a pulsão sexual oferecem analogias tão amplas; de que o encantamento estético se transforma tão desapercivelmente em erótico; de que o anseio erótico busca, de

forma tão involuntária, o estético, o ornamento (os animais possivelmente obtiveram seus ornamentos diretamente da criatividade corporal), isso parece um sinal de crescimento de irmãos a partir da mesma raiz. Parece significar a emergência da vida original, ainda não utilizada, até o que há de mais pessoal; como o retorno, de certa forma, das forças especiais dispersadas às profundezas quentes da Terra, sobre as quais toda a criação repousa e com o que aquilo que foi criado pode nascer como totalidade viva. E se o sexual pode ser chamado de redespertar daquilo que há de mais ancestral, de sua memória corporal, também é verdadeiro para o criador artístico que a mesma sabedoria ancestral precisa se transformar na lembrança mais pessoal dentro dele, associada ao seu presente, ao que ele tem de mais próprio — uma espécie de chamado que o desperta do sono do passado por meio da agitação da hora. No processo artístico, contudo, a comoção física nessa agitação tem, em toda a sua emoção, apenas a finalidade de acompanhá-la como um momento, na medida em que o próprio resultado surge como um produto cerebral de um vínculo mais individual; na sexualidade, por sua vez, os processos físicos, inversamente, permitem à exaltação mental que participe apenas como coadjuvante — esforçando-se para criar nenhuma outra “obra” senão a existência física de um filho. Por essa razão, o erótico expressa, muito mais que o artístico, seu êxtase em simples devaneios, em tantas “inverdades”. Certamente, também no artista o estado extraordinário transpassa aquele da norma, como uma anomalia, uma violação do presente, daquilo que é dado pela ordem, por meio da interação estimulante entre demandas do passado e do futuro dentro dele. No entanto, esse

“comportamento amoroso voltado para dentro de si mesmo”, o qual também é o *seu comportamento* mais valioso, encontra tanto o seu último esclarecimento quanto a sua realização final em terreno espiritual; concentra-se e resolve-se mais ou menos completamente em sua obra, enquanto o estado mental erótico, devido ao fato de que essa conclusão justificante lhe falta, permanece enfileirado, como uma espécie particular de excentricidade, no mínimo como anormalidade, nas engrenagens da vida restante. Apesar de o artista, portanto, poder fantasiar muito mais livremente que o enamorado, não restringido pelas relações da vida com uma realidade que praticamente se impinge a ele por quem é amado, de fato, somente ele, o criador, submete essa realidade a suas fantasias: apenas ele cria uma nova realidade a partir da existente, enquanto o enamorado, impotente, apenas a regala com suas invenções. Porém, em vez de poder relaxar com a harmonia alcançada pela obra trazida a público, como pode fazê-lo a fantasia artística, a poesia do amor perambula, assim, incompleta por toda a vida, procurando e presenteando, trágica em sua obra externa, na medida em que não consegue libertar-se, em seu pensamento, da condição física de seu objeto, tampouco limitar-se a ele. Com isso, o amor torna-se o mais físico, assim como aparentemente o mais espiritualista, o mais supersticioso que nos assombra; ele se atém totalmente ao corpo, mas atém-se a ele como um símbolo, como um hieroglifo físico de tudo que queira penetrar em nossa alma pelos portais dos sentidos a fim de reavivar seus sonhos mais ousados: misturando, conseqüentemente, em todo lugar, à posse uma vaga noção do inatingível; irmanando, em todo lugar, a satisfação e a renúncia, como se elas divergissem

apenas em grau. O fato de que o amor nos torna criativos para além de nossa habilidade faz dele um símbolo do desejo; não apenas do nosso desejo erótico por um objeto, mas também de tudo o que é elevado e que almejamos em nossos sonhos.

Enquanto, na criação artística, a comoção física que acompanha a criação mental desaparece sem dificuldades, como algo marginal e irrelevante, ela não se comporta da mesma forma no erótico, na criatividade do corpo. O excedente mental que oscila marginalmente também assume algo como uma nova tonalidade, defendendo todos os desejos por um estado obscuro e inefável. É como se algo, pelo simples fato de ter se individualizado até a espiritualidade, adquirisse a característica segundo a qual ele não se deixasse mais ser descartado como simples acessório ou recurso coadjuvante, mas sim sempre devesse proceder, por si mesmo, de forma organizadora, mesmo que devesse reavivar com seu sopro o mundo mais imperceptível, mais inexistente.

Idealização

Podemos nos questionar, aqui, qual é o verdadeiro motivo de todo esse impulso à idealização que parece estar tão profundamente inserido justamente nos processos criativos e se ele de fato não representa um elemento relevante na realização de tais processos, já que eles deveriam ser vistos como síntese do exterior e do interior, do mais longínquo e do mais próximo, do conteúdo universal e do próprio, do fundamento mais arcaico e da culminação da existência.

Apenas no feminino essa reversão da pulsão em si não se chama “perversão”, mas o seu delongar, o seu resumir estão dados junto com sua meta. Assim, a rigor não existe, dentro de seu princípio, um mero prazer preliminar (no sentido freudiano), nada de provisório no decorrer do erotismo: o feminino deve ser definido como aquilo que o dedo mindinho significa para a mão. Não no sentido de um contentamento ascético, muito pelo contrário: pois o menor espaço já permite, à ternura, que ela se realize completamente dentro dele, que abranja com o mínimo possível o total do âmbito amoroso (mais ou menos como Dido fez com a pele do touro em Cartago).

Lou Andreas-Salomé

Sobre o tipo feminino (1914)



www.blucher.com.br

pequena
biblioteca
invulgar

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Sobre o tipo feminino E outros textos

Lou Andreas-Salomé

ISBN: 9786555064452

Páginas: 296

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
